

A POSSIBILIDADE DE UM NATURALISMO GENEALÓGICO NO PENSAMENTO DE NIETZSCHE A PARTIR DE FOUCAULT

TULIPA MARTINS MEIRELES¹; CLADEMIR LUÍS ARALDI²

¹Universidade Federal de Pelotas – tulipameireles@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – clademir.araldi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho foi desenvolvido através do contato com um novo viés de interpretação ao pensamento do filósofo alemão Nietzsche. Um dos autores que polariza essa nova interpretação é Richard Schacht, que busca uma interpretação de cunho naturalista no pensamento nietzschiano. Schacht defende um naturalismo em Nietzsche pelo fato deste rejeitar um princípio metafísico que explique os valores humanos e que, ao contrário, busca na própria mundanidade a criação de valores estabelecidos pelo homem.

Em seu texto de 1971 “*Nietzsche, genealogia e história*” Foucault interpreta o projeto genealógico de Nietzsche enquanto um contínuo movimento de crítica da história, de crítica dos valores estabelecidos historicamente e principalmente identifica a ausência de um princípio que justificaria sua origem¹ no mundo. Foucault defende um constante vir-a-ser no mundo, no qual todo processo histórico se desenvolve e se consolida. Dessa forma, poderia se falar de um “naturalismo genealógico” em Nietzsche, uma vez que o filósofo assume a condição de genealogista da moral que pensa na direção da efetiva história dos valores, que busca encontrar a fonte dos valores efetivamente constatável, na longa história do passado moral humano e na mundanidade que o cerca. A leitura foucaultiana do processo genealógico de Nietzsche se aproxima, em certos aspectos, de um tipo de naturalismo que Richard Schacht defende em seu artigo “*O naturalismo de Nietzsche*”.

A presente pesquisa possui como objetivo central examinar em que medida a leitura de Foucault sustentaria o que se poderia chamar de um “naturalismo genealógico” em Nietzsche, como base teórica central para este desenvolvimento será utilizada o texto de 1971 em que Foucault busca uma definição para o que Nietzsche desenvolve enquanto Proveniência (Entstehung) e Emergência (Herkunft) em seu procedimento genealógico de pensar a criação dos valores.

2. METODOLOGIA

Para o desenvolvido deste trabalho, de sustentar um naturalismo genealógico no pensamento de Nietzsche através de Foucault, se fez uso de material teórico de análise; leitura e fichamento de textos, em específicos o texto de Foucault “*Nietzsche, genealogia e história*” e também o texto de Schacht “*O naturalismo de Nietzsche*”, foram também utilizados textos de comentadores dessa perspectiva. Após, se fez uma análise crítica dos mesmos concomitantemente ao texto de Nietzsche “*Genealogia da moral: uma polêmica*”.

¹ Neste contexto, Foucault se refere a origem em sentido de Ursprung, ou seja, essência exata das coisas, algo em si mesmo que é anterior a tudo que é externo, acidental e sucessivo. Segundo o autor, Nietzsche se recusa muitas vezes ao uso dessa palavra em contraposição a outros dois sentidos, quais sejam: Entstehung e Herkunft (que serão aqui trabalhados).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Essas duas interpretações, que emergem de tradições distintas, colaboram para um estudo das obras de Nietzsche que sustentam uma posição, em certa medida, naturalizada, no entanto não cientificista. Schacht cita Nietzsche em A gaia Ciência quando este diz que o mundo da natureza humana "é a única modalidade de mundo e realidade que há, sem que qualquer configuração particular deles seja essencial ou fundamental." (SCHACHT, 2011) ou seja, Nietzsche afirma a ausência de uma "essência" própria ao mundo que pudesse ser cientificamente analisada e provada enquanto origem primeira das causas mundanas.²

Segundo a perspectiva de Schacht, o naturalismo de Nietzsche teria um caráter ao mesmo tempo robusto e minimalista que vai ao encontro da visão de Foucault, segundo Schacht o filósofo alemão está preocupado em fazer um trabalho naturalizado e como ele diz, "talvez minimalista, comprometido com pouco mais do que a diretriz mencionada acima, ainda assim é um naturalismo robusto, no sentido de ter olhos para a parafernália completa de nosso mundo e realidade humanos — bem diferente do naturalismo seco, descolorido e austeramente cientificista (...)" (SCHACHT, 2011). Nietzsche quer descobrir a verdadeira origem dos valores de "bem" e "mal", no entanto o que entende por "origem" é bem diferente do que se poderia comumente pensar através de uma investigação que privilegia princípios metafísicos em detrimento da experiência mundana. O texto de Michel Foucault de 1971 "*Nietzsche, genealogia e história*" oferece uma tematização da genealogia nietzschiana que, assim como diz Schacht na defesa de um tipo de naturalismo em Nietzsche, descarta a intervenção de um desdobramento meta-histórico, articulado sobre uma metafísica que pretende encontrar explicações sobre a "origem".

A genealogia, segundo Foucault é cinzenta, meticulosa e pacientemente documentária. Segundo sua definição, "A genealogia exige, portanto, a minúcia do saber, um grande número de materiais acumulados, exige paciência (...) não se opõe à história como a visão altiva e profunda do filósofo ao olhar de toupeira do cientista; ela se opõe, ao contrário, ao desdobramento meta-histórico das significações ideais e das indefinidas teleologias."(FOUCAULT, 1982) Na visão de Foucault, se Nietzsche, em alguns momentos toma distanciamento de uma pesquisa em termos de "origem"(Ursprung) é, em primeira instância, porque uma pesquisa nesse sentido busca encontrar a "essência" exata das coisas, sua forma anterior a tudo o que é exterior. O que denota uma recusa ao mundo empírico, contingente e natural em prol de uma metafísica que visa retirar todas as "máscaras" e encontrar o sentido mesmo das coisas, aquilo que elas são imediatamente e em si mesmas. Segundo Foucault a pesquisa genealógica, que segue a história ao em vez de acreditar na metafísica, descobre que por trás das coisas "não há um segredo essencial e sem data, mas o segredo que elas são sem essência, ou que sua essência foi construída peça por peça a partir de figuras que lhe eram estranhas (...) O que se encontra no começo histórico das coisas não é a identidade ainda preservada da origem — é a discórdia entre as coisas, é o disparate."(FOUCAULT, 1982) Esta afirmação de Foucault possui o mesmo intuito e inquietação de Nietzsche sobre a origem dos valores morais, isto é, pelo procedimento genealógico do filósofo alemão que afirma:

² É a partir desta interpretação da genealogia nietzschiana que Foucault designa Nietzsche como aquele que descobre a falta de essência na história.

Sob que condições o homem inventou para si os juízos “bom e mau”? E que valor tem eles? Obstruíram ou promoveram até agora o crescimento do homem? São indicio de miséria, empobrecimento, degeneração da vida? Ou, ao contrário, revelase neles a plenitude, a força, a vontade vida, sua coragem, sua certeza, seu futuro? (NIETZSCHE, 2009)

Ademais, parece pertinente dizer que o processo genealógico defende que o único segredo que pode haver nos fatos é que justamente eles são destituídos de uma essência. O que se encontra no começo histórico das coisas não é a identidade imóvel, pura, harmoniosa da origem, mas antes, a discórdia entre as coisas. O começo histórico não pode ser, portanto, perfeito, pois ele é derrisório, irônico nem tão pouco é possível que seja o lugar da verdade, a medida em que a verdade e seu reino possuem história na própria história, está portanto, no domínio da proliferação dos erros. A genealogia apoia-se na história para conjurar a quimera da origem, ou seja, em vez de considerar origens inacessíveis, concentra-se na meticulosidade e no acaso dos começos, concentra-se num devir que tem as suas intensidades, as suas falhas, os seus furores secretos, as suas agitações febris. O processo genealógico é mais uma investigação, não da origem, mas da proveniência e da emergência. Segundo Filord há um “vir-a-ser” no mundo que retoma a ideia de descontinuidade como uma “diretriz” do projeto genealógico no pensamento de Nietzsche, ressalta a suposição de que uma investigação que tomasse como referência um ponto fixo e perfeito como a “origem” em sua forma mais solene, não atingiria a multiplicidade dos fenômenos culturais no mundo dos homens. Dessa forma, um procedimento que considerasse o próprio reconhecimento da história do homem, pensaria esta, em termos de “começos” provenientes e emergentes. Segundo Foucault;

a proveniência diz respeito ao corpo. Ela se inscreve no sistema nervoso, no humor, no aparelho digestivo. Má alimentação, má respiração, corpo débil e vergado daqueles cujos ancestrais cometeram erros (...) não no sentido socrático, não porque seja preciso se engajar para ser malvado, nem também porque alguém se desviou da verdade originária, mas porque o corpo traz consigo, em sua vida e em sua morte, em sua força e em sua fraqueza, a sanção de todo erro e de toda verdade como ele traz consigo também e inversamente sua origem – proveniência. (FOUCAULT, 1982)

A proveniência está, pois, no domínio da proliferação dos acontecimentos, interessa a ela demarcar os acidentes, os desvios e os erros que deram origem a tudo aquilo que tem valor para nós. A proveniência expressa a própria superação da história da metafísica por tomar o corpo como a “mais palpável superfície de inscrição dos acontecimentos” (CARVALHO, 2012) O corpo é nessa perspectiva o próprio local onde se inscreve a história, o que distancia, mais uma vez, a possibilidade metafísica de uma unidade substancial de um “Eu” fixo enquanto sujeito. A emergência, por sua vez, é o local de afrontamento, segundo Foucault ela é ;

a entrada em cena das forças; é sua interrupção, o salto pelo qual elas passam dos bastidores para o teatro, cada uma com seu vigor e sua própria juventude. O que Nietzsche chama Entestehungsherd (emergência) do conceito de bom não é

exatamente nem a energia dos fortes nem a reação dos fracos; mas sim esta cena onde eles se distribuem uns frente aos outros, uns acima dos outros; é o espaço que os divide e se abre entre eles, o vazio através do qual eles trocam suas ameaças e suas palavras (FOUCAULT, 1982)

A emergência se forma entre os interstícios dos opostos, das distâncias e por isso deve ser vista como um não-lugar, pois marca a distância entre os adversários, não há, portanto, um espaço comum ou de igualdade entre as partes que se afrontam, ninguém é responsável pela emergência de forma que ninguém dela pode se glorificar.

4. CONCLUSÕES

Tendo em vista tal discussão, podemos concluir ao considerar que, para Nietzsche, sua genealogia não se restringe a um fazer história tradicional, seu regresso genealógico se determina como implicação num embate que coloca em questão a conservação de uma forma de interpretação moral que apresenta sua avaliação de “bem e mal”. Nesse sentido Schacht sustenta que em Nietzsche o processo genealógico não possui um caráter cientificista, e todo rigor exigido, mas sim em uma abordagem naturalista desse processo, ou seja, Nietzsche reconstrói a história dos valores morais debruçado sobre o processo histórico da humanidade, isentando assim qualquer aproximação de cunho metafísico ou suprassensível. E da mesma forma, Foucault reforça essa concepção ao colocar o processo genealógico de Nietzsche no âmbito do vir-a-ser do mundo, em meio à historicidade contingente da vida humana, buscando sempre pôr em xeque os valores e concepções que ao longo da história foram institucionalizadas enquanto verdade inquestionável para os homens. Portanto, se há um naturalismo no pensamento de Nietzsche parece que ele não pode se desvirtuar de um caminho que questiona a própria vida humana, os valores e concepções da vida mundana.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 3ª Ed. 1982.
- CARVALHO, Alexandre Filord. **Foucault: atualizador da genealogia nietzschiana**. Cadernos Nietzsche n. 30. São Paulo, 2012.
- SCHACHT, Richard. **O naturalismo de Nietzsche**. Cadernos Nietzsche n. 29. São Paulo, 2011.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral: uma polêmica**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.